



## Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

### O Brasil e o anti-Brasil

No domingo, fui ao Conjunto Nacional, por volta das 14h, e, quando passava pela Catedral, estranhei que tivesse uma barreira somente com uma viatura da polícia e várias pessoas com camisas da Seleção Brasileira circulando. Quando avançamos mais um pouco, não acreditei no que via: uma fila imensa de supostos patriotas entrava na Esplanada dos Ministérios.

É encrenca, na certa, pensei, pois os manifestantes avisaram para o Brasil inteiro que viriam a Brasília para invadir

os prédios públicos. E, depois de meia hora, começo a receber mensagens de que os terroristas entraram no Congresso Nacional, no Palácio do Planalto, no STF e quebraram tudo.

Nada invento, basta ver os vídeos. A cena era surreal, os terroristas, abrigados em frente ao QG do Exército, foram escoltados por agentes da PM até a Praça dos Três Poderes para vandalizar os monumentos e as obras de arte de uma cidade tombada como patrimônio cultural da humanidade. Cada servidor do Estado pode votar em quem quiser, mas não misturar suas preferências políticas com as funções profissionais.

Só havia uma barreira de uns 10 soldados, próximos ao Ministério da Justiça, que tentaram barrar a horda de golpistas, com spray de pimenta, logo

vencida pelo número desproporcional de centenas de desordeiros. Enquanto os arruaceiros depredavam os prédios e profanavam os símbolos da democracia, alguns policiais tiravam selfies ou assistiam a tudo tranquilamente. É evidente a falta de planejamento e de comando.

A polícia de Brasília é considerada uma das mais preparadas para enfrentar situações de conflito nas ruas. Tanto assim é que, quando houve comando, ela debelou o movimento dos arruaceiros em pouco mais de uma hora, obrigando-os a abandonar os prédios públicos e a se dispersar para fora dos limites da Esplanada dos Ministérios.

Não custa lembrar que esses profissionais são os mais bem remunerados do país, graças a recursos do Fundo Constitucional do DF, para zelar pela

segurança dos poderes da capital. O mesmo é possível dizer da ocupação inconstitucional dos manifestantes antidemocráticos na área do QG do Exército. Bastou uma ordem superior para que a bagunça fosse desfeita em uma manhã.

Não havia outra saída para conter o golpismo a não ser decretar a intervenção na segurança e no governo do DF. Fica o recado para outros governantes omissos com os que ameaçam a democracia.

Na semana passada, o Brasil subiu a rampa do Palácio do Planalto, na posse de Lula, com representantes da sociedade civil. No domingo, subiu a rampa o anti-Brasil, o Brasil dos ignorantes, dos fanáticos e dos antidemocráticos. Se enrolam na bandeira brasileira, mas são os falsos patriotas, não amam o Brasil. O

lema da bandeira é ordem e progresso; o deles é desordem e retrocesso.

Os monumentos de Niemeyer são, em si mesmos, obras de arte reconhecidas no mundo inteiro. A integração arte-arquitetura de Brasília é uma utopia do que o Brasil poderia ser. Nada mais anti-Brasil do que destruir uma pintura de Di Cavalcanti.

O ataque estúpido atingiu não apenas a frente ampla que venceu Bolsonaro; foi um ataque à nação brasileira. Não se trata de uma questão pessoal ou de partidos à esquerda ou à direita. É indefensável que as excelências do Congresso Nacional permaneçam omissas ante a agressão mais bárbara que sofreu a república. A democracia não pode ser defendida apenas por Alexandre Moraes; tem de ser defendida por todos.

### CIDADANIA / O Instituto Reciclando Sons atua há mais de duas décadas na Estrutural, beneficiando crianças e adolescentes da região. Entidade precisa de doação de alimentos e de dinheiro para obter a escritura da sede

Instituto Reciclando Sons/Divulgação



A instituição oferece cursos de canto coral, instrumentos de cordas friccionadas, teclado e musicalização infantil. Os grupos concluintes formam corais e orquestras que se apresentam dentro e fora do DF

# Música que transforma vidas

» NAUM GILÓ

Há 21 anos, o Instituto Reciclando Sons leva educação musical para crianças e adolescentes filhos dos catadores da Cidade Estrutural. De lá para cá, a organização da sociedade civil de interesse público (Oscip) percebeu que os desafios são maiores do que apenas aquele foco que, até hoje é carro chefe da iniciativa. Com o tempo, o instituto se viu na missão de proporcionar transformações ainda mais profundas em uma das áreas mais pobres do Distrito Federal.

Fundadora do espaço, Rejane Pacheco lembra que, no início, em 2001, o trabalho infantil era algo muito presente na região e havia a necessidade de cursos profissionalizantes. “Formamos os primeiros profissionais para atuar no projeto mesmo. O objetivo era trazer espelhos para a comunidade, para que vissem que a música não era algo tão distante da realidade deles”, relata a mestre em educação musical e formada em violino, canto lírico e regência.

Hoje, o Reciclando Sons soma mais de oito mil crianças e adolescentes assistidos pelo programa. Por ano, 200 são atendidos diretamente com cursos de canto coral, instrumentos de cordas friccionadas, teclado e musicalização infantil. Os grupos concluintes desses cursos, chamados de vitrines, formam corais e orquestras que se apresentam dentro e fora do Distrito Federal. “Já trabalhamos junto ao maestro e pianista João Carlos Martins”, lembra com orgulho a maestrina Rejane. O instituto também oferece capacitação na

área de produção, o que amplia ainda mais as possibilidades no mercado cultural.

Selena Nascimento, 38 anos, entrou no projeto em 2005. Começou como estudante de música e hoje é cantora lírica e colaboradora da instituição, na parte administrativa. Ela conta que, no começo, não havia perspectivas de futuro para a população da Estrutural. “O Lixão (aterro sanitário) era a única possibilidade. Foi a partir do Reciclando Sons que tive a chance de construir a base de tudo que sou hoje”, emociona-se.

Como muitas outras famílias, a dela veio para o DF em busca de melhores condições de vida na capital. O pai era catador de recicláveis do lixão, de onde era tirado o sustento dela e dos nove irmãos. “O sonho do meu pai era que os filhos fizessem música. Quatro de nós, incluindo a mim, vivemos o sonho do meu pai graças ao Instituto Reciclando Sons”, recorda.

A Cidade Estrutural de duas décadas atrás não é a mesma dos tempos atuais, mas alguns problemas sérios ainda persistem para os moradores. “Por mais que tenha melhorado, ainda há muitas carências na cidade, sobretudo na cultura, e o instituto atua exatamente nessa área; é o ponto forte para quem participa dele”, completa.

#### Atendimento integral

Como Selma comenta, a comunidade da Estrutural melhorou de vida desde a chegada do instituto à região. Porém os desafios continuam enormes e o Reciclando Sons atua em várias

Instituto Reciclando Sons/Divulgação



Concerto *Doido pra Tocar*, regido pela fundadora do Instituto Reciclando Sons, maestrina Rejane Pacheco

**21 ANOS**

**8 mil**  
Total de  
crianças e adolescentes  
atendidos

**1 mil**  
Famílias beneficiadas  
com alimentos  
na pandemia

frentes. Durante a imposição das medidas de restrição ocasionadas pela pandemia, muita gente perdeu a fonte de renda. A fome cresceu na região. Foi quando o instituto intensificou a arrecadação de alimentos para mais de mil famílias carentes da cidade. Em 2022, por exemplo, foram arrecadadas 14 toneladas de alimentos para a causa.

Também são ofertados os cursos de inclusão digital, atualmente imprescindível para o mercado de trabalho, e o de panificação e confeitaria, destinado às mães da comunidade, que chefiam a maioria das famílias sondadas

pelo Reciclando Sons. “Além de oferecer uma opção de fonte de renda, as mães também passaram a produzir alimentos para as crianças e adolescentes assistidos pelo instituto”, detalha Rejane Pacheco. Apresentações musicais, festas, palestras e encaminhamentos para o sistema de proteção social são outras funções desempenhadas pelo projeto.

O próximo e fundamental passo ambicionado pela idealizadora é a obtenção da escritura definitiva do imóvel onde fica a sede do projeto, conquistado por meio de vaquinha, em 2017. “Existe a possibilidade de

conseguirmos a concessão do direito de uso, mas o que queremos mesmo é a compra diferenciada, tanto no valor total quanto nas parcelas que vamos pagar. Isso só é possível mediante uma boa quantia de entrada”, explica.

Com o objetivo de concretizar a meta, a campanha de arrecadação de dinheiro continua nas redes sociais do Instituto Reciclando Sons, bem como a de alimentos. Mais informações pelo perfil @institutoreciclandosons no Instagram. No canal do YouTube também é possível acompanhar o trabalho desempenhado pela instituição na comunidade.



**O Lixão era a única possibilidade. Foi a partir do Reciclando Sons que tive a chance de construir a base de tudo que sou hoje”**

**Selena Nascimento,**  
ex-aluna do projeto,  
cantora lírica e  
colaboradora da  
instituição